



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

LISS CLÁUDIA DE SOUZA SANTOS

**ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE:
CONHECENDO O PERCURSO SINGULAR DE UMA ESTUDANTE IDOSA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Salvador

2017

LISS CLÁUDIA DE SOUZA SANTOS

**ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE:
CONHECENDO O PERCURSO SINGULAR DE UMA ESTUDANTE IDOSA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em fonoaudiologia, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de bacharel em fonoaudiologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira.

Salvador

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Deus pelas oportunidades e por ter me abençoado ao me conceder as dádivas Batista e Aureni, meus pais.

Agradeço a minha família, em especial a meu pai, que não pensou duas vezes ao investir no meu futuro, e a minha mãe por todo amor e incentivo.

Agradeço a minha irmã, Jéssica, que, por mais difíceis que fossem as circunstâncias, sempre demonstrou paciência e compreensão.

Agradeço a meus primos pelos momentos maravilhosos que me proporcionaram, em particular a Aryane por estar presente quando mais precisei, a Luana por sempre me fazer rir, Amanda pelo apoio, e a Júnior por me inspirar, incentivando-me constantemente a seguir em busca do conhecimento.

Agradeço a participante da pesquisa por compartilhar suas histórias, possibilitando-me realizar este trabalho.

Agradeço a Natalie e Danielle, minha banca, pela presença e disponibilidade, e a Melissa pelas contribuições em minha banca de qualificação.

Agradeço, por fim, a meu orientador que, com paciência e atenção, dedicou seu valioso tempo para me orientar em cada passo deste trabalho.

SUMÁRIO

1. FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO	4
2. SESSÕES DO ARTIGO	5
2.1. RESUMO E PALAVRAS-CHAVE	5
2.2. ABSTRACT AND KEYWORDS.....	6
2.3. RESUMEN Y PALABRAS CLAVE	7
2.4. INTRODUÇÃO	8
2.5. APRESENTAÇÃO DO CASO.....	9
2.6. DISCUSSÃO	10
2.7. COMENTÁRIOS FINAIS	17
REFERÊNCIAS.....	18
ANEXO 1 – DIRETRIZES PARA AUTORES	21
ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	29
ANEXO 3 – PROJETO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	33
APÊNDICE 1 –TCLE	49
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA	53

1. FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

**ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE:
CONHECENDO O PERCURSO SINGULAR DE UMA ESTUDANTE IDOSA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

*AGING AND INTERGENERATIONALITY:
KNOWING THE SINGULAR PATH OF AN ELDERLY STUDENT AT THE FEDERAL
UNIVERSITY OF BAHIA*

*ENVEJECIMIENTO Y INTERGENERACIONALIDAD:
CONOCIENDO EL PERCURSO SINGULAR DE UNA ESTUDIANTE ANCIANA EN LA
UNIVERSIDAD FEDERAL DE BAHIA*

Liss Cláudia de Souza Santos¹, Marcus Vinicius Borges Oliveira²

¹ Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Doutor em Linguística (UNICAMP). Professor Adjunto do Departamento e Coordenador do Colegiado de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Endereço para correspondência:

Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela; Salvador – BA. Tel: (71) 3283-8885

E-mail: liss_lcass@hotmail.com

2.1 RESUMO:

Em decorrência das mudanças nas taxas de fecundidade, natalidade e aumento da expectativa de vida, o número de idosos no Brasil tende a crescer com o passar do tempo. Atualmente, no que diz respeito à universidade, os idosos encontram-se em minoria, muitas vezes vistos com um olhar estigmatizador. Diante disso, este trabalho tem por objetivo compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa no contexto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia. Trata-se de um estudo de caso de caráter qualitativo, no qual foram realizadas entrevistas abertas e prolongadas, registradas de maneira audiovisual, com uma idosa estudante do curso de Fonoaudiologia da UFBA. Os dados foram coletados, transcritos e analisados de acordo com a concepção teórico-metodológica deste projeto, de caráter histórico cultural, que se orienta ao dialogismo como situação de uso efetivo da linguagem. A partir de uma análise das falas do sujeito, foi percebido que por vezes o idoso é colocado em uma posição em que parece não haver mais espaço para ele, no qual há um estranhamento em ambientes compostos predominantemente por jovens. Ademais, observou-se a importância dos contatos intergeracionais para a construção e desconstrução de preconceitos, tendo em vista o ganho mútuo adquirido através das trocas de saberes e experiências.

Descritores: Envelhecimento; Linguagem; Estigma social.

2.2 ABSTRACT:

As a result of changes in fertility rates, birth rates and an increase in life expectancy, the number of elderly people in Brazil tends to grow over time. Currently, with regard to the university, the elderly are in the minority, often seen in a stigmatizing way. Therefore, this work aims to understand how the singular path of an elderly student occurs in the context of the Speech Therapy course of the Federal University of Bahia. This is a case study of a qualitative nature, in which open and prolonged interviews, recorded in an audiovisual way, were carried out with an elderly student of the Speech Therapy course at UFBA. The data was collected, transcribed and analyzed according to the theoretical-methodological conception of this project, of cultural historical character, oriented to dialogism as a situation of effective use of language. From an analysis of the subject's speeches, it was noticed that sometimes the elderly are placed in a position where there seems to be no more space for them, in which there is a strangeness in environments composed predominantly by young people. In addition, it was observed the importance of intergenerational contacts for the construction and deconstruction of prejudices, considering the mutual gain acquired through the exchange of knowledge and experiences.

Descriptors: Aging; Language; Social Stigma.

2.3 RESUMEN:

En consecuencia de los cambios en las tasas de fecundidad, natalidad y aumento de la expectativa de vida, el número de ancianos en Brasil tiende a crecer con el paso del tiempo. Actualmente, en lo que se refiere a la universidad, los ancianos se encuentran en minoría, muchas veces vistos con una mirada estigmatizadora. En este sentido, este trabajo tiene por objetivo comprender cómo ocurre el camino singular de una estudiante anciana en el contexto del curso de Fonoaudiología de la Universidad Federal de Bahía. Se trata de un estudio de caso de carácter cualitativo, en el cual se realizaron entrevistas abiertas y prolongadas, registradas de manera audiovisual, con una anciana estudiante del curso de Fonoaudiología de la UFBA. Los datos fueron recolectados, transcritos y analizados de acuerdo con la concepción teórico-metodológica de este proyecto, de carácter histórico cultural, que se orienta al dialogismo como situación de uso efectivo del lenguaje. A partir de un análisis de las palabras del sujeto, se percibió que a veces el anciano es puesto en una posición en la que parece no haber más espacio para él, en el que hay un extrañamiento en ambientes compuestos predominantemente por jóvenes. Además, se observó la importancia de los contactos intergeneracionales para la construcción y desconstrucción de prejuicios, teniendo en vista la ganancia mutua adquirida a través de los intercambios de saberes y experiencias.

Descriptores: Envejecimiento; Lenguaje, Estigma social.

2.4 INTRODUÇÃO

No que diz respeito aos idosos, na conjuntura atual, o Brasil passa por um momento de transição demográfica que apresenta grandes desafios a serem superados. Esta transição demográfica é causada, dentre outras coisas, pelo aumento da expectativa de vida e pela diminuição da taxa de mortalidade¹. De acordo com o IBGE², a proporção de idosos no Brasil aumentou de 9,7% em 2004 para 13,7% em 2014. A expectativa de vida, que já foi de 39 anos, nos anos 40, atualmente é de 75,1 anos e a projeção para 2040 é que mais de 20% da população seja idosa, ou seja, possua mais do que 60 anos de idade.

Com essa mudança, há necessidade de se repensarem práticas e políticas públicas que abarquem questões que estão especificamente ligadas ao lugar do idoso na nossa sociedade.

Beauvoir³, em seu livro “A velhice”, nos diz que o envelhecimento revela o mais profundo fosso entre uma minoria de privilegiados e a grande maioria dos homens, já que a perda gradual da força produtiva caminha junto da acentuação da pobreza, do desconforto e solidão. Para a autora, o envelhecimento denuncia o fracasso de nossa civilização. No entanto, salientamos que nem todos os povos reservam este lugar para o idoso, em algumas sociedades a velhice remete a experiência e conhecimentos que podem ser passados para outras gerações, o que evidencia o papel fundamental que a intergeracionalidade pode ocupar nas práticas que envolvem a linguagem.

Sendo assim, dentro de uma perspectiva de cunho histórico cultural de entendimento da sociedade, podemos considerar que o processo de envelhecimento é compreendido de acordo com o contexto sociocultural de dada época. Na contemporaneidade, nesta sociedade que cultua ideais de juventude e produtividade, a velhice é vista com um olhar estigmatizador. Os idosos que antes eram tidos como senhores de experiência passaram a ser vistos como pessoas que não têm condições de exercer papéis ativos na sociedade de consumo.

Entretanto, muitos idosos não estão conformados com os lugares que lhes são reservados. Este trabalho trata do estudo de caso de uma idosa que, desafiando esta lógica, é estudante do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia, dentro de um contexto em que ela forçosamente se encontra em um lugar de absoluta minoria, no que diz respeito à representação de sua geração entre os demais estudantes (mesmo professores e funcionários) do curso e quanto ao fato de possuir uma deficiência física, que, somada ao envelhecimento, nos revela um percurso único e singular que desafia a naturalização de preconceitos e estigmatizações.

No que diz respeito ao lugar do idoso nas universidades, o Estatuto do Idoso⁴, pauta a obrigatoriedade do poder público em oferecer educação à população idosa. Sendo assim, de acordo com o mesmo estatuto, devem ser viabilizadas maneiras para que idosos convivam e interajam com as demais gerações. Este trabalho questiona a necessidade de uma lei que assegure o que deveria ser natural e remete a importância das práticas de linguagem no encontro de gerações distintas.

Segundo Borba* em 2001, as Universidades Abertas à Terceira Idade estão desenvolvendo um papel de preencher a falta de projetos sociais desenvolvidos especificamente para esse grupo⁵. Um questionamento possível é da necessidade de que a Universidade seja exclusivamente da Terceira Idade, o que também demonstra a incapacidade das demais Universidades em acolher os idosos.

* Borba, VR. O envelhecimento da humanidade: o papel da universidade. In: Seminário UNESP-UNATI, 3., 2001, Rio Claro. **Resumos...** Rio Claro: [s.n.], 2001. p.14-17 apud⁵

Tendo em vista esse crescente aumento da população idosa, salienta-se, assim, a necessidade de melhor compreender os lugares ocupados pelos idosos que estão inseridos na universidade, bem como de que forma essa tem possibilidade de acolhê-los. Desta forma, este estudo teve por objetivo compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa no contexto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), discutindo o papel da intergeracionalidade nas práticas de linguagem e os diferentes lugares que universidade pode ocupar no envelhecimento. Por fim, com este trabalho pretendemos desnaturalizar, através da análise dos lugares linguísticos-sociais ocupados pelo sujeito idoso, o olhar estigmatizador sobre o envelhecimento.

2.5 APRESENTAÇÃO DO CASO

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de
Esse trabalho se trata de um estudo de caso de caráter qualitativo, em que realizamos entrevistas abertas e prolongadas, registradas de maneira audiovisual, mediante a autorização do sujeito da pesquisa. A entrevistada foi uma idosa estudante do curso de fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), identificada com o pseudônimo de K. De acordo com o Estatuto do Idoso⁴ Lei nº 10.741 Art. 1º, considera-se idosa uma pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos.

Os dados foram coletados, transcritos e analisados de acordo com a concepção teórico-metodológica deste projeto, de caráter histórico cultural, que se orienta ao dialogismo como situação de uso efetivo da linguagem em que os discursos proferidos sempre fazem parte de uma cadeia em que outros discursos lhes são sucessores e predecessores⁶.

Para tanto, foram elaboradas questões que serviram de começo para a entrevista (apêndice 2), utilizando os seguintes tópicos:

- 1 – O percurso do sujeito idoso no Curso de Fonoaudiologia da UFBA.
- 2 – O encontro com outras gerações durante o Curso de Fonoaudiologia da UFBA
- 3 – O lugar da Universidade (e mais especificamente da UFBA) na história de vida do sujeito.

Para este estudo foram realizados três (3) encontros, com duração de aproximadamente 90 minutos cada. O instrumento utilizado para o registro foi uma câmera digital Sony Cyber-Shot. Inicialmente foi apresentado a K. o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e somente após a entrevistada assinar, deu-se início a coleta de dados.

K., 65 anos, nascida em uma cidade interiorana do estado da Bahia, mãe de três filhos, passou a infância em uma casa que não possuía saneamento básico. Aos onze (11) meses teve paralisia infantil, passando a andar a partir dos três anos. Frequentou o colégio desde cedo e, pelo fato de sua mãe lhe ensinar as letras em casa, pôde adiantar de turma. Na escola, sofreu bullying por usar chupeta e era privada de desenvolver atividades, em decorrência de sua deficiência física.

Após terminar os estudos fez curso para professora e curso técnico para contabilidade. Aos 20 anos, mudou-se para Salvador para ajudar sua irmã a cuidar dos filhos e, logo em seguida, passou a dar aulas de reforço escolar. Após estudar, passou no concurso de um Banco e mudou-se para Riachão do Jacuípe. Por ser

deficiente e ser mulher, sofreu preconceito neste trabalho. Após 25 anos neste emprego, aposentou-se e voltou para Salvador para auxiliar sua filha que engravidou.

Sempre desejou inscrever-se em uma Faculdade/Universidade, contudo, por questões econômicas, não pôde fazê-lo anteriormente. Após a graduação dos três filhos, e como uma forma de servir como exemplo para os netos, decidiu se inscrever no vestibular.

Morando em Salvador, em 2010, fez o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), inscreveu-se, e em 2011 ingressou na Universidade como estudante do curso de BI saúde (Bacharelado Interdisciplinar em saúde). Após se formar no curso de BI em saúde, ingressou no curso de fonoaudiologia da mesma Universidade.

2.6 DISCUSSÃO

Narrativa, história e memória

De acordo com Marcuschi⁷, falar de narrativa é essencial quando se trata de estudar os idosos, pois é sabido que “os velhos gostam de contar histórias, sobretudo as de caráter pessoal, das quais eles foram protagonistas ou testemunhas diretas”.

No trabalho com a linguagem, consideramos essencial a possibilidade do sujeito contar a sua própria história de modo a, sempre em relação a um interlocutor, dispor suas memórias dentro de um todo que faça sentido para o outro. Segundo Oliveira e Novaes Pinto⁸, se tentarmos relacionar a memória e a narrativa, dada a complexidade das diferentes formas que a memória pode assumir, tanto a narrativa poderá organizar as memórias do indivíduo, quanto às memórias podem irromper as narrativas, possibilitando outras formas imprevistas de narrar os eventos, o que revela a natureza intrínseca, historicamente constituída, destes domínios.

Durante os encontros, K. narrou a respeito de sua história de vida desde sua infância até os dias atuais. No decorrer das conversas K. contou que nasceu em uma família pobre, quando sua mãe tinha 17 anos. A mãe era órfã e, segundo ela, “foi obrigada a casar com um homem velho”. O padrasto de K. já possuía outros filhos, então sua mãe criou todos. Quando K. tinha 11 meses, sua mãe engravidou, mesma época que K. teve paralisia infantil.

Sua infância se passou em uma cidade do interior da Bahia e a deficiência que possuía implicou em várias questões em sua vida. Quando falava sobre isso ela disse: “*eu vivi dentro de um caixão*”. K. costumava ficar dentro de uma caixa de madeira forrada para que os pais pudessem trabalhar.

Já durante a adolescência, ela deixava de frequentar lugares, fazer viagens com os colegas do colégio e da rua em decorrência da deficiência física, pois as pessoas não queriam mudar os planos para que pudesse facilitar seu acesso. Contudo, ela não se satisfazia com os limites que lhe eram impostos. Segundo ela: “*na minha infância, adolescente, era tudo não. Eu tinha que ir contra esse não, o povo dizia não e na minha cabeça era sim, eu posso.*”

Aos 20 anos, após ter terminado o curso técnico em contabilidade, mudou-se para Salvador para ajudar sua irmã com os filhos. Nesta cidade, começou a estudar para passar em concurso até que foi aprovada e mudou-se para outra cidade. Após aposentar-se voltou a morar em Salvador.

Para Gamburgo & Monteiro⁹, ao narrar algo acontecido, através da memória, resgatamos uma lembrança que se refere a algo que ocorreu no passado, algo

individual, pertencente ao sujeito, e o que será construído no momento da narração, quando o sujeito conta a outra pessoa e juntos eles darão novos significados a essa lembrança. Vale à pena ressaltar que essa memória vai além do que foi vivido individualmente, pode se construir através de tradições familiares, locais, histórias que foram passadas entre gerações e assim podem ser usadas para melhor compreender nossa história¹⁰.

Ao conhecer histórias de vida de idosos, obtém-se narrativas subjetivas referentes a experiências pessoais e coletivas. “Estas podem refletir uma época, suas normas sociais e os valores partilhados pela sociedade nos diversos contextos históricos”¹¹. Quanto a isso, K., durante um encontro, relatou acerca das dificuldades sofridas por ser mulher, deficiente e casada, no ambiente de trabalho. Dado o contexto da época, ao casar-se, foi solicitado que K. levasse ao trabalho uma autorização do marido concedendo permissão para continuar a exercer sua profissão.

Outro ponto observado refere-se ao fato de K. orgulhar-se de contar a respeito de sua história de vida. Valença & Reis¹¹ corroboram com tal observação quando afirmam que, dentro do contexto de exclusão em que vivemos, “os idosos se sentem valorizados a partir do momento em que o seu passado e sua história são apreciados e transmitidos às outras pessoas, gerando mais sentido para a sua vida”.

K. também trouxe em sua fala acerca da importância do jovem se relacionar com idosos, pois os idosos têm muito com o que contribuir através de suas vivências e conhecimento acumulado com o decorrer dos anos. K. disse: “*Eu sempre digo os mais novos quando encontrarem pessoas com mais idade, ele aprenda, ele preste atenção nesse idoso, porque esse idoso tem muita experiência de vida pra passar.*”

Esta fala alude ao que foi dito por Benjamin*, em 1994, no qual as narrativas, bem como a memória, são meios de preservar e de propagar tradições e saberes. As narrativas são cruciais para transmitir, de geração em geração, saberes e experiências vividas, memórias que estão imersas em variadas culturas e ajudam a formar a identidade coletiva de um povo. Através da memória e da história oral, a narrativa é vista como uma forma de propagação do conhecimento e de reconstrução da história, coletiva ou individual.¹⁰

O que foi dito, além de estar relacionado à propagação de saberes que se dá através de narrativas, construídas com e através da memória, relaciona-se com a troca de saberes entre diferentes gerações, o que nos remete à intergeracionalidade, tema que abordaremos a seguir.

Diálogo, Intergeracionalidade e Linguagem

Ao tentar compreender o percurso de uma idosa dentro do curso de Fonoaudiologia da UFBA, este trabalho se debruçou inevitavelmente com as relações intergeracionais que conduzem a uma diversidade de discursos que carregam em si as marcas históricas de cada geração, o que promove aproximações e tensionamentos frente a diferentes concepções ideológicas próprias de cada período. Dentro de uma perspectiva dialógica, é importante considerar que:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.¹²

* Benjamin, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994 apud¹⁰

Diante disso, é importante trazer que relações intergeracionais inevitavelmente promovem interação entre idosos e gerações mais jovens, em que tal contato possibilita trocas culturais e de experiência¹³. O diálogo entre o idoso e aquele que é mais jovem não se prende nos interlocutores e nem no momento presentes, mas, dentro desta perspectiva bakhtiniana, se abre ao diálogo entre temporalidades distintas, próprias de cada geração.

Uma das formas deste encontro de gerações se dá no espaço discursivo, dialógico, caracterizado justamente pelo encontro de sentidos constituídos em contextos historicamente diversificados¹⁴. Em consonância com o pensamento do Círculo de Bakhtin, consideramos que o sujeito é situado em dado contexto social de que faz parte, sendo assim, entendemos que os idosos exercem um papel ativo na sociedade e que, por meio das práticas de linguagem, são essenciais nas significações que nascem do encontro de sistemas ideológicos próprios de cada sujeito.

K. demonstra a importância do conhecimento de vida trazido para o ambiente acadêmico, quando diz que:

[...] esse conhecimento de vida tem me ajudado muito na faculdade, porque as vezes o professor falava, vamos dizer assim, no caso de uma doença, uma erradicação de alguma doença, eu vivi, então eu já tenho uma experiência a mais que minhas colegas jovens [...] então alguma coisa a mais, eu posso ter pra você ter uma reflexão.

Entretanto, é válido ressaltar que a relação intergeracional é mutuamente benéfica. Carvalho¹⁵ corrobora com essa afirmação ao dizer que na interação entre o jovem e o idoso, valoriza-se o conhecimento dos mais velhos, trazendo-o para os dias atuais. Por outro lado, os mais novos também ofertam novos saberes aos velhos, o que torna esse contato “uma via de mão dupla”, conforme podemos ver no trecho a seguir, no qual K. relata a respeito destas questões:

Se eu não tivesse na universidade eu não tava tão motivada a aprender, conviver com vocês. Porque também nosso aprendizado, como eu digo, não é só idoso não. Eu aprendo muito com jovens, muito, muito, a começar pela tecnologia.

Ademais, K. complementa sua fala dizendo; *“quando eu entrei na faculdade eu não sabia mexer no computador [...] hoje no computador eu mexo tudo do básico. Quando não sei eu boto: google, como eu faço isso?!”*.

Deste modo, os contatos intergeracionais propiciam um ambiente em que as variadas gerações, respeitando as suas diferenças, criam histórias e compartilham saberes e valores inerentes a cada grupo¹⁵. As atualizações citadas anteriormente podem relacionar-se a tecnologias, bem como a gírias e expressões idiomáticas, utilizadas pelos jovens e que, através dos contatos intergeracionais, são introduzidas no vocabulário dos idosos. K. comenta a respeito disso quando fala que:

eu não sou de falar gírias, as gírias de antigamente. As vezes tem até o mesmo significado, né?! [...] eu vou ouvindo, vou me inteirando e já digo também. Se eu for dizer uma gíria eu já digo como a gíria do jovem, porque eu já tô, eu não tô totalmente apagada [...] as gírias de hoje eu tô de boa, só se eu não ouvir, porque se eu ouvir eu compreendo.

Nota-se que K. deixa de falar as “gírias de antigamente” e, imersa em um ambiente predominantemente jovem, passa a utilizar expressões ditas por eles. Para Maruschi⁷, como o passado se impõe como sistema de orientação com predomínio do antes/lá sobre o agora/aqui, ocorrem certos itens lexicais em desuso, o que acarreta

em constantes explicações, o que caracteriza um trabalho especial por parte dos mais idosos. Neste sentido, entendemos que K. dedique atenção a aprender novos falares. No trecho citado, ela diz que “tá de boa”, se utilizando de um termo bastante atual entre os mais jovens.

Além de trazer consigo experiências e conhecimentos a serem utilizados e compartilhados, o envelhecimento também implica em alguns obstáculos no ambiente acadêmico. Foi dito por ela que: *“a idade também lhe dá algumas dificuldades, algumas limitações. Eu não vou dizer que a minha mente, hoje é igual a de vocês, jovens. A mente já tá mais cansada. Aí eu digo assim, meu HD tá cheio.”*

Para ela, o fato de estar com o “HD cheio” implica em uma maior dificuldade em memorizar os assuntos estudados e isso reflete no fato de K. não gostar de realizar provas. Quanto a isso, K. utiliza de uma símile ao dizer: *“eu vou pra faculdade como uma criança vai prum parque de diversão e o jovem pra uma balada boa. O dia de prova pra mim é quando a balada é ruim pro jovem, quando não dá ninguém”.*

Para nós é interessante refletir que os problemas colocados por K. são provenientes da noção de memória enquanto *armazenamento*, contudo, quando a mesma relata sobre as recordações de sua história de vida, ou seja, da memória enquanto *potência*⁸, essa contribui, sobretudo para os mais jovens, no aprendizado compartilhado.

Outros tensionamentos também surgem na fala de K., ainda que não explicitamente; *“eu mesmo como idosa, com a turma jovem, eu começo a brincar, faço brincadeira com elas, porque se eu fizer brincadeira com elas, elas vão me ver como colega e não como uma idosa”.* Este trecho nos revela uma pergunta importante, por que não seria possível, para K., ser vista como colega e idosa ao mesmo tempo?

De acordo com Faraco¹⁶, partindo de uma perspectiva bakhtiniana, a noção de diálogo não se restringe à conversação e nem ao consenso entre as partes. Para o autor, dialogar não é apenas um falar e o outro responder quanto for sua vez, o diálogo é o conjunto do que está sendo dito, é também o contexto em que as falas estão inseridas. Além disto, não significa entendimento entre as partes, qualquer resposta que ocorra dentro da enunciação, independente da sua orientação em relação ao enunciado anterior pode ser considerada dialógica.

Ao demonstrar uma preocupação em não ser vista como idosa, verifica-se a necessidade de adequar-se quando se está em um ambiente ocupado majoritariamente por jovens, no qual também se verifica uma antecipação do pensamento do outro, de sua alteridade. Borges e Magalhaes¹⁷ falam sobre isso ao dizerem que “É justamente quando o mais velho se mostra investido de atributos da juventude que ocorre a identificação intergeracional, processo que se efetua, muitas vezes, pela negação das diferenças que definem cada geração.”

De acordo com Voloshinov¹², membro do Círculo de Bakhtin, a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, material ideológico por excelência, o que é especialmente relevante nesta discussão. Para Marcuschi⁷, se alguém perguntasse o que entendemos por uma “conversa de velhos”, certamente pensaríamos que é uma conversa “comprida, sem fim, arrastada, pausada, cheia de histórias, lembranças do passado e por aí fora”. Para o autor, mesmo que encontremos algumas verdades aí colocadas, por outro lado, tal atitude demonstra uma atitude “preconceituosa e estigmatizadora”, o que pode ser compreendido como uma comprovação clara de que a linguagem é muito mais do que um instrumento de comunicação, “é também um componente decisivo na formação de preconceitos

sociais”. Discutiremos, na próxima seção, aspectos relacionados à construção do estigma do idoso e sua relação com a universidade.

Universidade, estigmatização e acessibilidade

As relações intergeracionais aqui comentadas na seção anterior fazem referência à um idoso matriculado regularmente em uma Universidade, no qual tem contato com diferentes gerações – professores, funcionários e colegas do curso. Neste sentido, é importante ressaltar que este contato não é previamente discutido ou planejado pela Universidade.

Para Areosa et al.¹⁸, o fato dos idosos buscarem se inserirem em cursos regulares de graduação pode relacionar-se tanto à vontade de ter contato com pessoas mais novas, o que abre espaço para contatos intergeracionais, como também pode estar associado a procura pela inserção no mercado de trabalho.

Para um melhor entendimento da história de K., é interessante que seja feito um resgate contando como foi a entrada de K. na universidade e, mais precisamente, no curso de fonoaudiologia.

Em 2010, K. realizou a prova do ENEM (exame nacional do ensino médio) e ao perceber que sua nota era suficiente para ingressar na universidade, inscreveu-se no BI de humanidades. Além disso, K. conta que quando entrou no BI seu intuito não era apenas cursar o BI, mas, também, outro curso.

Quando questionada quanto a sua escolha ao curso de fonoaudiologia ela trouxe que: *“quando eu peguei audição e saúde eu me apaixonei por fono”*. Após seu ingresso no curso de fonoaudiologia, pensando no futuro, relatou que percebeu gama de chances e possibilidades que teria ao cursá-lo: *“depois que eu cheguei em fono eu vejo o leque de oportunidades que fono nos dá.”*

Para ela, a universidade desempenha um papel muito importante em sua vida. Durante conversas ela contou que: *“a faculdade é tudo pra minha vida, eu gosto muito da faculdade, eu não gosto das provas [...] se eu pudesse eu não saía da faculdade, pena que eu vou ter que sair”*.

Além de perceber a importância deste espaço para si, ela traz que esse meio também seria de grande valor aos demais idosos. Quando questionada se aconselharia os idosos a ingressarem em uma faculdade, respondeu que: *“pelo menos o BI [...] porque você vai deixar sua mente viva [...] é muito proveitoso, é muito conhecimento. O convívio com os professores, com os alunos vai ser muito benéfico pra esse idoso.”*

Quanto ao objetivo ao inserir-se no curso de graduação em fonoaudiologia, K. contou que:

O meu objetivo é: eu não quero trabalhar mais pra cumprir horas. Eu quero trabalhar sim, eu não quero ficar sem trabalhar, eu quero aplicar meus conhecimentos pra alguma pessoa. Se possível ou voluntário ou um preço bem baixinho como se fosse quase que de graça que fosse acessível ao interior”

Aqui vemos que, dentro do seu horizonte de possibilidades⁶, K. pensa no futuro como centro de gravidade das decisões do presente. Lembramos aqui que, no senso comum, não é raro que se refira ao idoso como alguém sem este horizonte, ou seja, como alguém já previamente concluído. Dentro da perspectiva Bakhtiniana aqui presente, o sujeito é sempre concebido como inacabado, em aberto.

Entretanto, a universidade não ocupa apenas um lugar no futuro de K, a mesma valoriza, desde já, os ganhos obtidos nesse espaço; *“Pra mim a faculdade abriu meus*

horizontes, abriu minha mente mais ainda que eu nunca tive a mente fechada, mas abriu minha mente". Nota-se que, para K., a universidade é uma importante ferramenta para a construção de pensamentos e desconstrução de paradigmas, no qual os contatos desempenham um forte papel. Conforme podemos ver no trecho abaixo:

Eu escolhi a faculdade como maneira de viver. Não deixa de eu também não tá, como diz... emocionalmente me renovando, porque eu tô convivendo com gerações diferentes eu tô também me renovando, psicologicamente, emocionalmente e culturalmente.

Contudo, este percurso singular de K. é permeado de dificuldades próprias das limitações impostas tanto pelo envelhecimento e/ou pela sua condição de cadeirante.

Ao se falar de estigma na vida de K., é imprescindível abordarmos que ele está presente na vida dela desde criança. Em decorrência da paralisia infantil que sofreu aos 11 meses, K. muitas vezes sofreu preconceitos, principalmente na escola. Entretanto, este preconceito não se restringiu à infância. Na fase adulta, por exemplo, K. chegou a ser chamada de aleijada, por moradores de um prédio em que viveu. Por conta dos preconceitos, via-se sempre motivada, e por vezes, na obrigação de "correr atrás das coisas", como quando ela diz: *"como eu já tenho um defeito, eu tenho que ser melhor, melhor do que os outros, pra poder compensar o defeito."*

Para Melo¹⁹, o estigmatizado não é visto como pertencente a mesma categoria dos ditos normais. Eles não podem possuir os mesmos direitos, entretanto devem cumprir com os compromissos e obedecer aos critérios do grupo.

A necessidade relatada por K. de sempre buscar seu caminho e de não esperar pelos outros fez K. tentar se adequar ao ambiente que estava inserida. Ela diz que: *"eu passei a vida toda me adaptando à vida e não a vida a mim."* Tais adaptações não se restringiram à infância e adolescência, dentro da universidade isso também ocorre: *"aquilo que eu consigo me adaptar eu me adapto, aquilo que eu não consigo eu tranco e tento no outro semestre"*.

É imprescindível que a universidade busque formas de adaptação para que sejam assegurados os direitos das pessoas com deficiência, visto que as dificuldades apresentadas influenciam no aprendizado desses alunos. A universidade dispõe de meios para incluir, facilitar o aprendizado das pessoas com eficiência, entretanto o que está sendo feito não é suficiente, como podemos perceber a seguir.

Quando questionada quanto às dificuldades encontradas no ambiente universitário, K. prontamente disse: *"eu tô tendo dificuldade de acesso, porque a faculdade não tem quase acessibilidade, eu posso até dizer nenhuma."* Durante os encontros, em diversos momentos K. relacionava suas dificuldades à falta de acessibilidade e ao fato de ter que se deslocar entre campus e prédios.

Por acreditar que isso é um problema de difícil solução, K. arquiteta estratégias para seguir frequentando a universidade. Ela contou que: *"quando eu vou pra aula e sei que não tem banheiro, eu levo frutas que tenha líquido[...] porque eu me hidrato. E água eu fico molhando a boca [...] porque não tem lugar pra fazer xixi"*.

Relatou entender que as soluções para os problemas de acessibilidade precisam de organização e que demandam tempo. Por conta destas questões, K. acredita que: *"as faculdades foram programadas para alunos jovens e saudáveis"*.

K. também conta que passou a perceber a falta de acessibilidade nos ambientes, não apenas na universidade, quando se viu com a necessidade de utilizar cadeira de rodas. Ela conta que a partir do momento em que vivemos e/ou conhecemos pessoas com dificuldades especiais, passamos a entender a real necessidade de se investir em melhores condições nos espaços públicos e privados.

Os contatos intergeracionais, que podem ocorrer no ambiente universitário, seriam importantes para a transmissão de vivências que poderiam auxiliar na construção e desconstrução de pensamentos, que, possivelmente, ajudariam a perceber as dificuldades do outro, que muitas vezes são esquecidas, e a ter um olhar diferenciado para o que não nos é comum encontrar.

De acordo com Martinez*, em 2007, mesmo que o jovem afirme muitas vezes que é importante o contato entre idosos e pessoas mais novas, ainda assim é possível notar um distanciamento entre eles, pois, mesmo com essa afirmação, os jovens defendem espaços exclusivos para essa faixa etária²⁰. Tal afirmação acima citada remete à quando K. era estudante de BI e no momento em que estava com uma colega do curso, que também é idosa, ouviu duas jovens conversando uma com a outra dizendo: “*eu não sei o que aquelas duas velhas estão fazendo na faculdade, tomando o lugar da gente*”. Com essa afirmação observa-se o papel que muitas vezes é dado ao idoso, no qual não há espaços efetivos para ocuparem em nossa sociedade.

Ainda quanto a isso, Goldman²¹ afirma que a sociedade é propensa a separar grupos com culturas e costumes individuais, normalmente identificados por faixa etária. Nota-se então que os indivíduos, principalmente os mais velhos, seguem sendo excluídos. Durante os encontros K. contou que quando foi se matricular no curso de BI em saúde ouviu “*a senhora vai matricular seu neto, é?!*”. O fato de não encontrarmos muitos idosos no ambiente universitário, mais especificamente na UFBA, é refletido em nosso estranhamento ao vermos o ingresso deles nestes espaços.

De acordo com Massi et al¹⁴ a importância da interação entre as gerações está cada vez mais evidente. A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – patrocinou e organizou um documento com o objetivo de demonstrar a importância dos programas intergeracionais e de sua importância para o desenvolvimento e mudança social²². Para os autores¹⁴, no desenvolvimento de programas de trocas de vivências intergeracionais a linguagem desempenhará um papel indispensável como atividade capaz de favorecer as trocas, incentivando a inclusão social e a aproximação de mundos localizados em diferentes momentos da história.

Além da importância dada aos programas intergeracionais, também é sabido a respeito da importância e necessidade de criação de políticas que envolvam o direito de ir e vir e a educação dos sujeitos com deficiência. Para tal, foram criadas leis, como o Decreto nº 5.773/2006²³, que visa, dentre outras questões, a participação de pessoas com qualquer tipo de deficiência no ensino superior. O Ministério da Educação, através deste Decreto, anuncia a respeito da necessidade de oferecer a estes alunos acesso ao ensino superior, mobilidade, meios de comunicação necessários para permanência destas pessoas com deficiência.

Além disso, de acordo com o Decreto Nº 7.611/ 2011²⁴, as instituições federais de ensino superior devem criar núcleos de acessibilidade objetivando acabar com as barreiras (físicas, de comunicação, dentre outras) que de alguma forma limitam o acesso e participação das pessoas com deficiência às atividades desenvolvidas nesses espaços. Quanto a isso, foi criado em 2008 na UFBA o Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NAPE) com o objetivo da criação políticas voltadas à acessibilidade. Para que isso ocorra, o Núcleo dispõe

* Martinez, YLH das N. (2007). A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo apud²⁰

de tecnologias para deficientes visuais, auditivos e motores, tais como bengalas, lupas eletrônicas, teclado braile, cadeiras de rodas, dentre outras²⁵.

2.7 COMENTÁRIOS FINAIS

Buscou-se com este trabalho compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa, discutindo o papel da intergeracionalidade nas práticas de linguagem e demonstrando, através de um estudo de caso, diferentes lugares que universidade pode ocupar no envelhecimento.

Como já dito, ainda que exista uma crescente preocupação com a diversidade de indivíduos que possam ingressar na universidade, inclusive do ponto de vista legal, entendemos que as iniciativas ainda são incipientes. Através da fala do sujeito da pesquisa, pode-se entender que os recursos/tecnologias disponíveis não são suficientes para assegurar o pleno direito das pessoas com deficiência de circular em pelos espaços da universidade. Com isso, observa-se a necessidade de (re)pensar as práticas de acessibilidade e se estas de fato são efetivas.

Outro ponto importante diz respeito especificamente ao idoso. Com relação a este ponto, questionamos sobre a necessidade de espaços especificamente dirigidos à terceira idade, já que entendemos que a intergeracionalidade tem um importante papel na tentativa de modificar os estereótipos e o olhar estigmatizado que os jovens têm dos mais velhos, proporcionando uma troca mútua de experiências¹⁵. É importante tentarmos compreender a relação entre diferentes gerações, tanto no âmbito educacional quanto social para que possam ser discutidas e interrogadas a respeito dos padrões predeterminados socialmente, quanto ao papel e lugar do idoso na sociedade¹³.

Tento em vista que o estudo foi realizado com apenas uma idosa do curso de fonoaudiologia da UFBA salienta-se a necessidade de mais estudos que busquem evidenciar a problemática da posição/inclusão do sujeito idoso, refletindo sobre as possibilidades de acolhimento efetivo, destacando o papel que a universidade pode desempenhar.

REFERÊNCIAS

1. Ávila RI, Machado AM. Transição demográfica brasileira: desafios e oportunidades na educação, no mercado de trabalho e na produtividade. **Fund. de econ. e estatíst.** [internet], maio de 2015 [acesso em 2016 out 2]; n. 133: p. 3-23. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/20150529transicao-demografica-brasileira-desafios-e-oportunidades-na-educacao-no-mercado-de-trabalho-e-na-productividade.pdf>.
2. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE - 2015.
3. Beauvoir S de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
4. Brasil. Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.741 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências [internet] Brasília, DF; 2003. [acesso em 2016 mai. 25]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm
5. Fenalti RCS, Schwartz G M. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. **Rev. paul. Educ. Fís.** Jul./dez, São Paulo. 2003; 17(2):131-4.
6. Bakhtin MM. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
7. Marcuschi LA. Apresentação. In: PRETI, D. A linguagem dos idosos. São Paulo: Contexto, 1991:9-13.
8. Oliveira MVB, Novaes Pinto RC. On the Relation between Memory and Language from a Cultural-Historical Perspective in Neurolinguistics. **Southern Semiotic Rev.** [internet], 2015. [acesso em: 2016 out 2]. Disponível em: <http://www.southernsemioticreview.net>.
9. Gamburgio LJJ, Monteiro MIB. Envelhecimento e linguagem: algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice. **Rev. RKG.** Jun, 2007; 10(1):35-49.
10. Delgado LAN. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Rev. Hist. Oral.** 2003; 6:9-25.
11. Valença TDC, Reis LA. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Rev. RKG.** Abril-Junho, 2015;18(2):265-281.
12. Bakhtin M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. Lahud M, Vieira YF. São Paulo: Hucitec, 2012

13. Cachioni M, Aguilar LE. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Rev. RKG**. Jun. 2008; 11(1):79-104.
14. Massi GAA, Lourenço RCC, Lima RR; Xavier CRP. Práticas intergeracionais e linguageiras no processo de envelhecimento ativo. In: Ana Paula Berberian; Ana Paula de Oliveira Santana. (Org.). Fonoaudiologia em contextos grupais. 1ed.São Paulo: Plexus, 2012; 1:33-59.
15. Carvalho MCBNM. Relações Intergeracionais: Alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. **Rev. Portal de Divulg.** [internet], Dez. 2012 [acesso em 2017 jul 7]; n.28:83-8. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/viewFile/321/321> .
16. Faraco CA. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
17. Borges CC, Magalhães AS. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Est. de Psicol.** mai-ago,2011;16(2):171-7.
18. Areosa SVC, Freitas CR, Lampert M, Tirelli C. Envelhecimento ativo: um panorama do ingresso de idosos na universidade. **Rev. Reflexão e Ação**. Set./Dez, 2016; 24(3):212-228.
19. Melo ZM. Estigmas: espaço para exclusão social. **Rev sympos**. Dez, 2000; ano 4, número especial:18-22.
20. Caldas, CP; Thomaz, AF. A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Rev. RKG**. Nov, 2010; 13(2):75-89.
21. Goldman SN. O conceito de gerações e as relações intergeracionais. 2004 [acesso em 2017 jul 23]:1-8. Disponível em: http://prattein.com.br/home/index.php?option=com_content&view=article&id=736:o-conceito-de-geracoes-e-as-relacoes-intergeracionais&catid=98:estudos-e-indicadores-sobre-envelhecimento&Itemid=188 .
22. Hatton-Yeo A. **A intergenerational programs**: public policy and research implications. The UNESCO Institute for education. The Beth Johnson Foundation, 2000.
23. Brasil. Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino [internet]. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. 2006 mai 9 [acesso 2017 ago 15]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/decreton57731.pdf>
24. Brasil. Decreto nº 7.611, de 10 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

[internet]. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. 2011 nov 17 [acesso em 2017 ago 15]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11

25. NAPE: Núcleo de Apoio à Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais. [acesso 2017 ago 15]. Disponível em: <http://www.napeaccessivel.ufba.br/index.html>

ANEXO 1 – DIRETRIZES PARA AUTORES (Revista Distúrbios da Comunicação)

ARTIGOS ORIGINAIS - contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original inédita, que possam ser replicados e/ou generalizados, ou uma análise crítica de artigos. O autor deve deixar claro quais as questões que pretende responder e explicitar o método científico adotado. Nesta categoria será aceita revisão bibliográfica sistemática da literatura, de material publicado sobre um assunto específico e atualizações sobre o tema. Estudos experimentais envolvendo seres humanos devem fazer referência à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição a que está vinculada a pesquisa.

Na primeira parte do texto deve constar:

- Título do artigo;
- Versão exata do título para o inglês e espanhol;
- O manuscrito deve ter até 25 páginas, incluindo-se as referências bibliográficas;
- Especificar, caso o trabalho já tenha sido apresentado anteriormente, qual o congresso, data e cidade.

Todos os originais devem dispor de **resumo** de no máximo 250 palavras em português, inglês, e espanhol, seguido de três a seis descritores (nas três línguas), que são palavras-chave, e que auxiliarão a inclusão adequada do resumo nos bancos de dados bibliográficos; para tal, empregar a lista de "Descritores em Ciências da Saúde", elaborada pela Biblioteca Regional de Medicina e disponível nas bibliotecas médicas e no site <http://decs.bvs.br> ou no *Thesaurus of Psychological Index Terms*, da *American Psychological Association*.

O texto deverá conter:

- Introdução com revisão de literatura e objetivo; deve ser curta, definindo o problema estudado, sintetizando sua importância e destacando as lacunas do conhecimento ("estado da arte") que serão abordadas no artigo;
- Material e método explicitando a população estudada, a fonte de dados e critérios de seleção, dentre outros. Esses devem ser descritos de forma compreensiva e completa.

- Resultados com descrição dos achados encontrados sem incluir interpretações/comparações; devem ser separados da discussão. O texto deve complementar e não repetir o que está descrito em tabelas, quadros e/ou figuras. Essas não devem exceder o número de 10, e devem ser alocadas no final do artigo após as referências bibliográficas;
- Discussão que deve começar apreciando as limitações do estudo, seguida da comparação com a literatura e da interpretação dos autores;
- Conclusões, indicando os caminhos para novas pesquisas;
- Referências bibliográficas: Os ARTIGOS devem conter até 30 referências atualizadas, preferencialmente 70% de periódicos e 30% de livros, dissertações e teses. As referências de periódicos devem citar publicações de periódicos nacionais e internacionais.

A modalidade **ESTUDO DE CASO** pode ser aceita nesta seção, desde que apresente relato de casos não rotineiros. Especificamente quando se tratar desse tipo de estudo, deverá ter a descrição do histórico, condutas e procedimentos.

O texto deverá conter:

- Introdução (com breve revisão da literatura);
- Apresentação do Caso Clínico;
- Discussão;
- Comentários Finais;
- Referências bibliográficas.

OBSERVAÇÕES PARA TODAS AS CATEGORIAS DE PUBLICAÇÃO:

TODOS os textos devem ser encaminhados:

1. Pelo site <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/login>.
2. Formatado em folha tamanho A4 (210mm X 297mm), digitado em Word for Windows, usando fonte Arial, tamanho 12, em espaço simples, com margens de 25mm em todos os lados (laterais, superior e inferior). Todas as páginas devem ser numeradas;
3. No caso de apresentar abreviaturas ou siglas essas devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Nas legendas das tabelas e figuras devem ser acompanhadas de seu nome por extenso. Quando presentes

em tabelas e figuras, as abreviaturas e siglas devem estar com os respectivos significados nas legendas. Não devem ser usadas no título e nos resumos. Valores de grandezas físicas devem ser referidos nos padrões do Sistema Internacional de Unidades, disponível no endereço: <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>.

4. A apresentação dos títulos de periódicos deverá ser abreviada de acordo com o estilo apresentado pela *List of Journal Indexed in Index Medicus*, da *National Library of Medicine* e disponibilizados no endereço: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog>.
5. Os autores devem enviar a contribuição que cada autor teve no desenvolvimento do manuscrito.
6. Os trabalhos podem ser encaminhados em Português, Inglês ou Espanhol. Após aprovação e revisão técnica, os Artigos e Comunicações terão publicação bilíngue Português/Inglês. A versão do Artigo ou Comunicação em Inglês é de responsabilidade exclusiva dos autores. Após revisão técnica do manuscrito aprovado em Português os autores serão orientados a realizarem a tradução completa do documento para a língua inglesa (que inclui tradução da contribuição de cada autor e de sua titulação), acompanhada de comprovante informando que a tradução foi realizada por um profissional habilitado. O mesmo procedimento será realizado caso o artigo tenha sido encaminhado em inglês ou em espanhol, sendo solicitado, após aprovação, a versão em português.
7. As citações devem ser numeradas de forma consecutiva, de acordo com a ordem em que forem sendo apresentadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos.
8. As referências bibliográficas devem seguir formato denominado “Vancouver Style”.

Apresentação das referências bibliográficas devem seguir os seguintes exemplos:

Artigos de Periódicos

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Data, ano de publicação; volume(número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Shriberg LD, Flipsen PJ, Thielke H, Kwiatkowski J, Kertoy MK, Katcher ML et al. Risk for speech disorder associated with early recurrent otitis media with effusions: two retrospective studies. *J Speech Lang Hear Res*. 2000;43(1):79-99.

Observação: Quando as páginas do artigo consultado apresentarem números coincidentes, eliminar os dígitos iguais.

Ex: p. 320-329; usar 320-9. Ex.: Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. *N Engl J Med*. 2002Jul;25(4):284-7.

Ausência de Autoria

Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume (número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Combating undernutrition in the Third World. *Lancet*. 1988;1(8581):334-6.

Livros

Autor(es) do livro. Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Ex.: Murray PR, Rosenthal KS, Kobayashi GS, Pfaller MA. *Medical microbiology*. 4th ed. St. Louis: Mosby; 2002.

Capítulos de Livro

Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. "In": nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do capítulo.

Ex.: Meltzer PS, Kallioniemi A, Trent JM. Chromosome alterations in human solid tumors. In: Vogelstein B, Kinzler KW, editors. *The genetic basis of human cancer*. New York: McGraw-Hill; 2002. p. 93-113.

Observações: Na identificação da cidade da publicação, a sigla do estado ou província pode ser também acrescentada entre parênteses. Ex.: Berkeley (CA); e quando se tratar de país pode ser acrescentado por extenso.

Ex.: Adelaide (Austrália);

Quando for a primeira edição do livro, não há necessidade de identificá-la;

A indicação do número da edição será de acordo com a abreviatura em língua portuguesa.

Ex.: 4ª ed.

Anais de Congressos

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho. Título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Ex.: Harnden P, Joffe JK, Jones WG, editors. Germ cell tumours V. Proceedings of the 5th Germ Cell Tumour Conference; 2001 Sep 13-15; Leeds, UK. New York: Springer; 2002.

Trabalhos apresentados em congressos

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. "In": editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do trabalho.

Ex.: Christensen S, Oppacher F. An analysis of Koza's computational effort statistic for genetic programming. In: Foster JA, Lutton E, Miller J, Ryan C, Tettamanzi AG, editors. Genetic programming. EuroGP 2002: Proceedings of the 5th European Conference on Genetic Programming; 2002 Apr 3-5; Kinsdale, Ireland. Berlin: Springer; 2002. p. 182-91.

Dissertação, Tese e Trabalho de Conclusão de curso

Autor.Título do trabalho [tipo do documento]. Cidade da instituição (estado): instituição; Ano de defesa do trabalho.

Ex.: Borkowski MM. Infant sleep and feeding: a telephone survey of Hispanic Americans [dissertation]. Mount Pleasant (MI): Central Michigan University; 2002.

Ex.: Tannouril AJR, Silveira PG.Campanha de prevenção do AVC: doença carotídea extracerebral na população da grande Florianópolis [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Medicina. Departamento de Clínica Médica; 2005.

Ex.: Cantarelli A. Língua: que órgão é este? [monografia]. São Paulo (SP): CEFAC – Saúde e Educação; 1998.

Material Não Publicado (No Prelo)

Autor(es) do artigo.Título do artigo. Título do periódico abreviado. Indicar no prelo e o ano provável de publicação após aceite.

Ex.: Tian D, Araki H, Stahl E, Bergelson J, Kreitman M. Signature of balancing selection in Arabidopsis. Proc Natl Acad Sci USA. No prelo 2002.

Material Audiovisual

Autor(es). Título do material [tipo do material]. Cidade de publicação: Editora; ano.

Ex.: Marchesan IQ. Deglutição atípica ou adaptada? [Fita de vídeo]. São Paulo (SP): Pró-Fono Departamento Editorial; 1995. [Curso em Vídeo].

Documentos eletrônicos

ASHA: American Speech and Hearing Association. Otitis media, hearing and language development. [cited 2003 Aug 29]. Available from: http://asha.org/consumers/brochures/otitis_media.htm.2000

Artigo de Periódico em Formato Eletrônico

Autor do artigo(es). Título do artigo. Título do periódico abreviado [periódico na Internet]. Data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]; volume (número): [número de páginas aproximado]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [serial on the Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 3 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>

Monografia na Internet

Autor(es). Título [monografia na Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de acesso com a expressão “acesso em”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Foley KM, Gelband H, editores. Improving palliative care for cancer [monografia na Internet]. Washington: National Academy Press; 2001 [acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.nap.edu/books/0309074029/html/>

Cd-Rom, DVD, Disquete

Autor (es). Título [tipo do material]. Cidade de publicação: Produtora; ano. Ex.: Anderson SC, Poulsen KB. Anderson's electronic atlas of hematology [CD-ROM]. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2002.

Homepage

Autor(es) da homepage (se houver). Título da homepage [homepage na Internet]. Cidade: instituição; data(s) de registro* [data da última atualização com a expressão “atualizada em”; data de acesso com a expressão “acesso em“]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Cancer-Pain.org [homepage na Internet]. New York: Association of Cancer Online Resources, Inc.; c2000-01 [atualizada em 2002 May 16; acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.cancer-pain.org/>

Bases de dados na Internet

Autor(es) da base de dados (se houver). Título [base de dados na Internet]. Cidade: Instituição. Data(s) de registro [data da última atualização com a expressão “atualizada em” (se houver); data de acesso com a expressão “acesso em“]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”.

Ex.: Jablonski S. Online Multiple Congenital Anomaly/Mental Retardation (MCA/MR) Syndromes [base de dados na Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US). [EMGB1] 1999 [atualizada em 2001 Nov 20; acesso em 2002 Aug 12]. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/mesh/jablonski/syndrome_title.html

Apresentação de tabelas, figuras e legendas deve seguir as seguintes normas:

Tabelas

As tabelas devem estar após as referências bibliográficas. Devem ser auto-explicativas, dispensando consultas ao texto ou outras tabelas e numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. Devem conter título na parte superior, em caixa alta, sem ponto final, alinhado pelo limite esquerdo da tabela, após a indicação do número da tabela, não se utilizando traços internos horizontais ou verticais. Abaixo de cada tabela, no mesmo alinhamento do título, devem constar a legenda, testes estatísticos utilizados (nome

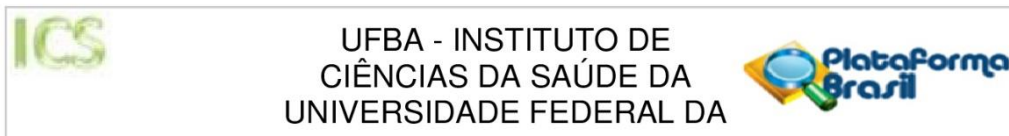
do teste e o valor de p), e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). O traçado deve ser simples em negrito na linha superior, inferior e na divisão entre o cabeçalho e o conteúdo. Não devem ser traçadas linhas verticais externas, pois estas configuram quadros e não tabelas.

Figuras (gráficos, fotografias, ilustrações, quadros)

Cada figura deve ser inserida em página separada após as referências bibliográficas. Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. As legendas devem ser apresentadas de forma clara, descritas abaixo das figuras, fora da moldura. Na utilização de testes estatísticos, descrever o nome do teste, o valor de p , e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). Os gráficos devem, preferencialmente, ser apresentados na forma de colunas. No caso de fotos, indicar detalhes com setas, letras, números e símbolos, que devem ser claros e de tamanho suficiente para comportar redução. Deverão estar no formato JPG (Graphics Interchange Format) ou TIF (Tagged Image File Format), em alta resolução (mínimo 300 dpi) para que possam ser reproduzidas. Reproduções de ilustrações já publicadas devem ser acompanhadas da autorização da editora e autor. Todas as ilustrações deverão ser em preto e branco.

Legendas

Elaborar as legendas usando espaço duplo, uma em cada página separada. Cada legenda deve ser numerada em algarismos arábicos, correspondendo a cada tabela ou figura e na ordem em que foram citadas no trabalho.

ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ENVELHECIMENTO E LINGUAGEM: UM ESTUDO DE CASO

Pesquisador: Marcus Vinicius Borges Oliveira

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 65779716.8.0000.5662

Instituição Proponente: Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.081.431

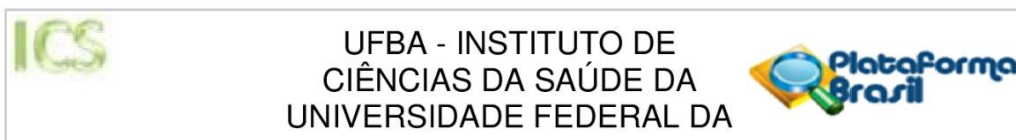
Apresentação do Projeto:

Em decorrência das mudanças nas taxas de fecundidade, natalidade e aumento da expectativa de vida, o número de idosos tende a crescer com o passar do tempo. Atualmente, esse feixe social é visto com um olhar estigmatizador, como se já não houvesse mais espaço para eles. Entretanto, muitos destes idosos não estão conformados com os lugares que lhes são reservados. Diante disso, este trabalho tratará do estudo de caso de uma idosa estudante do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia, dentro de um contexto em que ela forçosamente se encontra em um lugar de absoluta minoria, no que diz respeito a representação de sua geração entre os demais estudantes, professores e funcionários do curso. Para a coleta de dados serão realizadas entrevistas abertas e prolongadas, registradas de maneira audiovisual. Os dados serão coletados, transcritos e analisados de acordo com a concepção teórico-metodológica que se orienta do diálogo como situação de uso efetivo da linguagem. Com a realização deste projeto, espera-se compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa no contexto do curso de Fonoaudiologia da UFBA.

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa no contexto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Endereço: Miguel Calmon
Bairro: Vale do Canela
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951
CEP: 40.110-902
E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 2.081.431

Secundário:

Discutir o papel da intergeracionalidade nas práticas de linguagem no envelhecimento, desnaturalizar, através da análise dos lugares linguísticossociais ocupado pelo sujeito idoso, o olhar estigmatizador sobre o envelhecimento e compreender, a partir do discurso de uma idosa, os diferentes lugares que universidade a pode ocupar no envelhecimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Como o participante estudado é a única estudante do curso de Fonoaudiologia com mais de 60 anos de idade, um risco potencial é de não se preservar o anonimato. Para minimizarmos este risco, não identificando o sujeito no trabalho. Ainda assim, deixaremos essa situação clara no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Um outro risco desta pesquisa diz respeito à metodologia de entrevistas. Como consideramos a possibilidade do sujeito não se sentir "à vontade" com uma pergunta, pretendemos nos antecipar esclarecendo de antemão sobre os assuntos nos quais nos concentraremos durante a entrevista. Também esclareceremos de antemão que se em algum momento o sujeito entrevistado não concordar com uma pergunta ou trecho de sua fala, estes serão prontamente descartados.

Benefícios: O benefício que se apresenta ao participante é o de poder dialogar sobre o seu percurso dentro do curso de Fonoaudiologia da UFBA, também de buscar entender as dificuldades do idoso dentro da Universidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de resposta ao parecer CEP ICS nº 2.080.023.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados e encontram-se adequados.

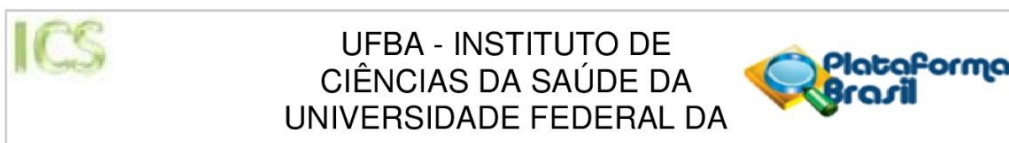
Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador atendeu à pendência listada no parecer CEP ICS nº 2.080.023. Na análise do presente protocolo de pesquisa não observamos óbices éticos e, desta forma, somos de parecer favorável ao mesmo.

Endereço: Miguel Calmon
 Bairro: Vale do Canela
 UF: BA Município: SALVADOR CEP: 40.110-902
 Telefone: (71)3283-8951 E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 2.081.431

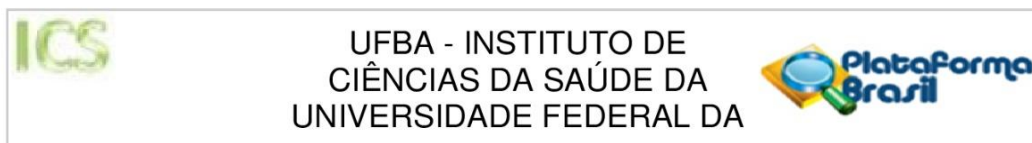
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde (CEP ICS), de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº. 466 de 2012 e na Norma Operacional nº. 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP ICS de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em 25/11/2017, e ao término do estudo. O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12 em substituição à Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d). O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata. O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária ANVISA junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_819194.pdf	24/05/2017 21:35:40		Aceito
Outros	CartaResposta2.pdf	17/04/2017 11:28:26	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoLissSantosCEP2.docx	17/04/2017 11:25:57	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECEP170420172.docx	17/04/2017 11:22:23	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Outros	CartaResposta.pdf	09/03/2017 09:09:23	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito

Endereço: Miguel Calmon
 Bairro: Vale do Canela CEP: 40.110-902
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3283-8951 E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 2.081.431

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoLissSantosCEP.docx	09/03/2017 08:57:19	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	termoconsentimento.pdf	08/12/2016 19:48:42	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Outros	cartaenaminhamento.pdf	17/11/2016 19:09:02	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Outros	termoresponsabilidade.pdf	17/11/2016 19:08:34	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Outros	equipedetalhada.pdf	17/11/2016 19:08:06	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoconfidencialidade.pdf	17/11/2016 19:06:37	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECEP.docx	17/11/2016 18:29:46	Marcus Vinicius Borges Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 25 de Maio de 2017

Assinado por:
ANA PAULA CORONA
(Coordenador)

Endereço: Miguel Calmon

Bairro: Vale do Canela

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 40.110-902

Telefone: (71)3283-8951

E-mail: cep.ics@outlook.com

ANEXO 3 – PROJETO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

1. INTRODUÇÃO

No momento atual o Brasil passa por uma transição demográfica que apresenta grandes desafios a serem superados. Esta transição demográfica é causada, dentre outras coisas, pelo aumento da expectativa de vida e pela diminuição da taxa de fecundidade, mortalidade e natalidade (ÁVILA E MACHADO, 2015). Com essa mudança, houve um aumento no número da população idosa, havendo, assim, necessidade de repensar práticas e políticas públicas que abarquem esse feixe social.

É importante que saibamos diferenciar longevidade de qualidade de vida. Com o passar dos anos conseguimos aumentar a expectativa de vida no Brasil, entretanto é importante que não nos esqueçamos de que será necessário que nos desenvolvamos economicamente, estruturalmente e socialmente, para que assim possamos atender as demandas desta população. Apenas a partir do conhecimento específico de aspectos relacionados ao envelhecimento e do atendimento dessas demandas será possível caminhar em direção a melhor qualidade de vida.

Segundo Schneider e Irigaray (2016), o envelhecimento deve ser entendido através da relação entre os componentes cronológicos, sociais, psicológicos e biológicos. É importante salientar que não existe um demarcador biológico que indique que estamos velhos, até porque envelhecemos de maneiras diferentes. Do ponto de vista legal, esses fatores não são levados em conta, considera-se idoso, no Brasil, aquele com mais de 60 anos, conforme descrito no Estatuto do Idoso (2003).

Beauvoir (1990), em seu livro chamado “A velhice”, nos diz que o envelhecimento revela o mais profundo fosso entre uma minoria de privilegiados e a grande maioria dos homens, já que a perda gradual da força produtiva caminha junto da acentuação da pobreza, do desconforto e solidão. Contudo, nem todos os povos reservam este lugar para o idoso, em algumas sociedades a velhice remete a experiência e conhecimentos que podem ser passados para outras gerações, o que evidencia o papel fundamental que a intergeracionalidade pode ocupar nas práticas que envolvem a linguagem.

Portanto, o que podemos considerar como parte do processo de envelhecimento, bem como de sua interpretação social, varia de acordo com o

contexto sociocultural de dada época. Em uma sociedade que cultua ideais de juventude e produtividade, a velhice é vista com um olhar estigmatizador. Vivemos em um país onde o idoso é visto como se já não houvesse espaço para ele. Os idosos que antes eram tidos como senhores de experiência passaram a ser vistos como pessoas que não têm condições de exercer papéis ativos na sociedade, não produzem.

Entretanto, muitos idosos não estão conformados com estes lugares que lhes são reservados. Este trabalho tratará do estudo de caso de uma idosa que, desafiando esta lógica, é estudante do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia, dentro de um contexto em que ela forçosamente se encontra em um lugar de absoluta minoria (até isolamento), no que diz respeito a representação de sua geração entre os demais estudantes (e mesmo professores e funcionários) do curso. Tendo em vista esse crescente aumento da população idosa, verifica-se a relevância desse estudo. Salienta-se, assim, a necessidade de melhor compreender os lugares ocupados pelos idosos que estão inseridos na universidade e de que forma essa tem possibilidade de acolhê-los.

2. PERGUNTA DE INVESTIGAÇÃO

Como se dá o percurso singular e intergeracional de um idoso no contexto do curso de Fonoaudiologia da UFBA?

3. OBJETIVOS DO ESTUDO

3.1 Objetivo geral

Compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa no contexto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

3.2 Objetivos específicos

- Discutir o papel da intergeracionalidade nas práticas de linguagem no envelhecimento.
- Desnaturalizar, através da análise dos lugares linguísticos-sociais ocupado pelo sujeito idoso, o olhar estigmatizador sobre o envelhecimento.
- Compreender, a partir do discurso de uma idosa, os diferentes lugares que a universidade pode ocupar no envelhecimento.

4. REVISÃO DE LITERATURA

Sabe-se que a população idosa no Brasil vem crescendo. De acordo com o IBGE (2015), a proporção de idosos aumentou de 9,7% em 2004 para 13,7% em 2014. A expectativa de vida, que já foi de 39 anos, nos anos 40, atualmente é de 75,1 anos e a projeção para 2040 é que mais de 20% da população seja idosa.

Sendo assim, percebe-se que o perfil da população brasileira mudou e mudará muito com o passar dos anos. Em decorrência das mudanças nas taxas de fecundidade, natalidade e aumento da expectativa de vida o número de idosos crescerá ainda mais com o passar dos tempos. Tais modificações fazem que com pensemos a respeito dos impactos que serão causados com essas mudanças. (IBGE, 2015)

Carvalho e Garcia (2003) afirmam que, se compararmos o envelhecimento do povo brasileiro com o de países ditos como de *primeiro mundo*, o ritmo de envelhecimento do Brasil acontecerá mais rápido, principalmente se os países de primeiro mundo comparados sejam os que tiveram uma transição da fecundidade no século XIX. O que antes era uma preocupação restrita aos países desenvolvidos passou a seguir na direção, também, dos países não enquadrados como desenvolvidos.

Com o desenvolvimento e o crescimento da ciência, foram criados mecanismos para prolongar a vida, o que pode ser considerado um grande ganho para a humanidade, contudo, para Massi et. al. (2012) temos que olhar além do que foi conquistado até agora. Devemos ter em mente que, o maior prolongamento da vida, acarretará desafios a serem superados. A longevidade dos idosos faz com que consideremos a respeito da necessidade de que sejam criadas forma de promover o bem-estar físico, mental e social dessa população.

Ainda de acordo com as autoras, a criação de meios legais voltados para a saúde, educação, lazer, dentre outros, para essa população, nos mostra uma preocupação do Estado. Essas leis que foram criadas demonstram a importância de que deixemos de pensar, no que se refere ao envelhecimento, como algo negativo e que essas pessoas não exercem papéis importantes na sociedade.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) apud Ivo (2008), o envelhecimento ativo consiste na melhoraria da qualidade de vida. Essa melhoria não se refere apenas ao “envelhecimento saudável”, mas também ao bem-estar em geral,

ao longo da vida. Ela visa garantir meios para que haja uma participação popular de acordo com seus anseios.

O envelhecimento ativo demanda preparação dos idosos para atingirem papéis ativos na sociedade. Como dito anteriormente, a educação assume um papel muito importante para que isso aconteça. Os art. 20, 21 e 22, do capítulo V do Estatuto do Idoso (2003), trazem, a respeito do direito do idoso à educação; que o poder público tem o dever de dar oportunidades aos idosos, por meio da educação. Além disso, traz a respeito da tão sonhada valorização do idoso, com o objetivo de diminuir o preconceito. Para Oliveira e Oliveira [s. d.] esses artigos nos mostram a importância que a educação tem como forma de reconhecer essa população idosa como participante ativa de nossa sociedade.

Visando a educação desses idosos, segundo Borba (2001) apud Fenalti e Schwartz (2003), as Universidades Abertas à Terceira Idade estão desenvolvendo um papel de preencher a falta de projetos sociais desenvolvidos especificamente para esse grupo. A primeira escola deste tipo surgiu na França em 1973, enquanto que no Brasil a primeira Escola Aberta à Terceira Idade surgiu em 1977. Um questionamento possível é da necessidade de que a Universidade seja exclusivamente da Terceira Idade, o que também demonstra a incapacidade das demais Universidades em acolher os idosos. No caso desta pesquisa, é importante ressaltar que o sujeito pesquisado está regularmente matriculado no curso de Fonoaudiologia, o que lhe impõe diálogos intergeracionais.

É através dos diálogos, da linguagem na enunciação cotidiana, que os discursos circulam e produzem sentidos diversos. A linguagem é uma das formas com que o homem pode entrar em contato com o mundo e com a diversidade nele existente. É algo inseparável, pois ninguém é desprovido de linguagem (GAMBURGO e MONTEIRO, 2007). Com relação ao envelhecimento, para Massi et al. (2012), dentro de um viés bakhtiniano, é por meio da linguagem que significamos e ressignificamos nossas vivências, inclusive no que se refere ao envelhecimento, através das relações que são estabelecidas no decorrer de nossas vidas.

A linguagem, neste sentido, justamente pelo seu caráter incompleto, garante que continuemos inacabados. Muitas vezes encontramos na literatura o envelhecimento dentro de uma ótica fatalista em que a idade está associada à processos de declínio cognitivo, como se não houvesse mais espaço para dialogar e para contribuir com a sociedade, por meio de vivências.

Devemos acabar com o preconceito que assola o envelhecimento que é visto apenas como um processo de decadência biológica. É mister indagar a respeito dos estereótipos que envolvem esse processo. Temos que pensar no envelhecimento como uma etapa da vida em que haverá ganhos e perdas, como ocorre com as outras.

5. QUADRO TEÓRICO

5.1 Intergeracionalidade e diálogo

Ao tentar compreender o percurso de uma idosa dentro do curso de Fonoaudiologia da UFBA, este projeto se debruçará inevitavelmente com as relações intergeracionais que conduzem a uma diversidade de discursos que carregam em si as marcas históricas de cada geração. Em consonância com o pensamento do Círculo de Bakhtin, consideramos que o sujeito é situado em dado contexto social de que faz parte, entendemos que esse feixe social tem muito a contribuir para com os demais, exercendo um papel ativo na sociedade. (MASSI, et al., 2012). Ainda de acordo com as autoras, a importância da interação entre as gerações está cada vez mais evidente. A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – patrocinou e organizou um documento com o objetivo de demonstrar a importância dos programas intergeracionais e de sua importância para o desenvolvimento e mudança social (HATTON-YEO, 2000).

Como uma forma de assegurar direitos ao idoso, o Estatuto do Idoso (2003), no Art. 3º inciso IV, traz que devem ser viabilizadas maneiras para que idosos convivam e interajam com as demais gerações. Ainda que seja questionável a necessidade de uma lei que assegure o que deveria ser natural, esse artigo nos remete a importância da intergeracionalidade nas práticas de linguagem, que dará lugar a novas aprendizagens e ensinamentos.

Segundo Massi et al (2012), para o desenvolvimento de programas de trocas de vivências intergeracionais a linguagem desempenhará um papel indispensável como atividade. Ela será capaz de favorecer as trocas, incentivando a inclusão social e a aproximação de mundos localizados em diferentes momentos da história. Uma das principais formas de encontro de gerações se dá por meio do diálogo intergeracional, caracterizado justamente pelo encontro de sentidos constituídos em contextos historicamente diversificados.

De acordo com Faraco (2010), partindo de uma perspectiva bakhtiniana, a noção de diálogo não se restringe à conversação e nem ao consenso entre as partes. Para o autor, dialogar não é apenas um falar e o outro responder quanto for sua vez, o diálogo é o conjunto do que está sendo dito, é também o contexto em que as falas estão inseridas. Além disto, não significa entendimento entre as partes, qualquer resposta que ocorra dentro da enunciação, independente da sua orientação em relação ao enunciado anterior pode ser considerada dialógica.

5.2 Narrativa e memória

De acordo com Marcuschi (1991:13), falar de narrativa é essencial quando se trata de estudar os idosos, pois é sabido que “os velhos gostam de contar histórias, sobretudo as de caráter pessoal, das quais eles foram protagonistas ou testemunhas diretas”. Desta forma, para além das possibilidades ligadas ao ato de narrar, tais narrativas nos levam a um minucioso processo associativo, permeadas de informações de outrora e de agora, em uma “constante atividade de avaliação em que o “agora é comparado com o antes”.

Também de acordo com o autor, estas narrativas podem conter itens lexicais em desuso, o que acarretam constantes negociações de sentido. Justamente por tratar-se de um encontro geracional, cabe aos mais idosos o trabalho de traduzir expressões, identificar locais que por vezes não mais existem.

De acordo com Oliveira e Novaes Pinto (2015), se tentarmos relacionar a memória e a narrativa, dada a complexidade das diferentes formas que a memória pode assumir, tanto a narrativa poderá organizar às memórias do indivíduo, quanto as memórias podem irromper as narrativas, possibilitando outras formas imprevistas de narrar os eventos, o que revela a natureza intrínseca, historicamente constituída, destes domínios. Ainda para os autores, assim como a linguagem não deve ser restringida as regras estruturais do sistema linguístico, também a memória não pode ser reduzida à sua contraparte biológica.

Para Gamburgo e Monteiro (2007), ao narrar algo acontecido, através da memória, resgatamos uma lembrança que se refere a algo que ocorreu no passado, algo individual, pertencente ao sujeito, e o que será construído no momento da narração, quando o sujeito conta a outra pessoa e juntos eles darão novos significados a essa lembrança. Vale a pena ressaltar que essa memória vai além do que foi vivido

individualmente. Essa memória pode se construir através de tradições familiares, locais, histórias que foram passadas entre gerações e assim podem ser usadas para melhor compreender nossa história. (DELGADO, 2003)

Para Benjamin (1994) apud Delgado (2003), as narrativas, bem como a memória, são meios de preservar e de propagar tradições e saberes. As narrativas são cruciais para transmitir, de geração em geração, saberes e experiências vividas, memórias que estão imersas em variadas culturas e ajudam a formar a identidade coletiva de um povo. Através da memória e da história oral, a narrativa é vista como uma forma de propagação do conhecimento e de reconstrução da história, coletiva ou individual.

5.3 Linguagem e estigmatização

De acordo com Goffman (1988) o termo estigma foi criado pelos gregos para aludir aos sinais do corpo, que eram feitos com cortes ou fogo, no qual seria possível observar algo notável ou o que caracterizasse determinada pessoa como mau. Através desses sinais era possível saber se quem os tinha era um escravo, criminoso, dentre outros. Segundo o autor, existem três tipos de estigma. O primeiro faz referência aos aspectos corporais, como deformidades, já o segundo se atribui às culpas individuais, como por exemplo a desonestidade. Por fim temos o estigma que se relaciona às particularidades de raça, religião e nação.

Para Melo (2000), o estigmatizado não é visto como pertencente a mesma categoria dos ditos normais. Eles não podem possuir os mesmos direitos, entretanto devem cumprir com os compromissos e obedecer aos critérios do grupo. O estigmatizado não pode somar suas diferenças ao grupo para potencializá-lo, apenas é visto como alguém que não agrega em nada à sociedade.

De acordo com Marcuschi (1991:09), se alguém perguntasse o que entendemos por uma “conversa de velhos”, certamente pensaríamos que é uma conversa “comprida, sem fim, arrastada, pausada, cheia de histórias, lembranças do passado e por aí fora”. Para o autor, mesmo que encontremos algumas verdades aí colocadas, por outro lado, tal atitude demonstra uma atitude “preconceituosa e estigmatizadora”, o que pode ser compreendido como uma comprovação clara de que a linguagem é muito mais do que um instrumento de comunicação, “é também um componente decisivo na formação de preconceitos sociais”.

De acordo com Voloshinov, membro do Círculo de Bakhtin, a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, material ideológico por excelência, o que é especialmente relevante nesta discussão. Novaes Pinto e Oliveira (2016), dentro desta perspectiva, ressaltam que termos dicotômicos como *velhos/idosos*, *terceira/melhor* idade são carregados ideologicamente, demonstram posicionamentos por parte do interlocutor. As palavras não são jamais neutras, suas significações são disputadas, estes termos adequam-se aos discursos ideologicamente dirigidos (FARACO, 2009).

6. METODOLOGIA

De acordo com Neves (1996), através da pesquisa qualitativa pode-se obter um maior contato entre o pesquisador e o pesquisado. Não obstante, também será possível estudar e entender fenômenos de maneira mais ampliada.

Esse trabalho será desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa que se propõe a realizar um estudo de caso, por meio de entrevistas abertas e prolongadas, registradas de maneira audiovisual, mediante a autorização do sujeito da pesquisa. A entrevistada será uma idosa estudante do curso de fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). De acordo com a Política nacional do idoso Lei nº 8.842 (1994) Art. 2º e do Estatuto do Idoso Lei nº 10.741 (2003) Art. 1º, considera-se idosa uma pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos.

Os dados serão coletados, transcritos e analisados de acordo com a concepção teórico-metodológica deste projeto, que se orienta ao diálogo como situação de uso efetivo da linguagem.

Para tanto, serão elaboradas questões que servirão de começo para a entrevista, utilizando os seguintes tópicos:

- 1 – O percurso do sujeito idoso no Curso de Fonoaudiologia da UFBA.
- 2 – O encontro com outras gerações durante o Curso de Fonoaudiologia da UFBA
- 3 – O lugar da Universidade (e mais especificamente, da UFBA) na história de vida do sujeito.

Estas questões servirão de base para posterior análise dos diálogos, que se dará por meio da concepção enunciativa-discursiva de linguagem, de modo a considerar os sentidos que são produzidos discursivamente. Os temas de análise serão aqueles já expostos no quadro teórico: *Diálogo e intergeracionalidade, narrativa e memória, linguagem e estigmatização*, além do que ocorrer de maneira imprevista.

O pesquisador está ciente de que sua participação nesse diálogo se fará presente nos dados e que estará alerta a essa mútua influência que, conforme a concepção teórica deste trabalho, é constitutiva do próprio diálogo.

7. ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de um estudo de caso único, esse trabalho deverá passar pela aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) segundo a resolução 466/12. O entrevistado assinará um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual serão explanadas todas as questões relativas à possibilidade de anonimato sobre as informações do participante. Somente após a assinatura do termo e da aprovação do comitê de ética e pesquisa dar-se-á início a coleta de dados.

É importante salientar que, como essa estudante é a única idosa matriculada no curso de Fonoaudiologia da UFBA, ainda que venhamos a utilizar formas fictícias de identificação na sua composição e que não tenhamos a intenção de divulgar a identidade do sujeito pesquisado, não será possível garantir completamente a preservação do anonimato, o que será apresentado e discutido com o sujeito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

9. ORÇAMENTO

Este trabalho será custeado pela pesquisadora.

9.1 Material permanente

Especificações	Quantidade	Unitário	Total
Pen Drive	01	28,00	28,00
Notebook	01	1.200,00	1.200,00
Impressora	01	700,00	700,00

Subtotal | 1.928,00

9.2 Material de consumo

Especificações	Quantidade	Unitário	Total
Impressão	80	0,25	20,00

Subtotal | 20,00

Total | 1.948,00

REFERÊNCIAS

AVILA, R.I.; MACHADO, A.M. Transição demográfica brasileira: desafios e oportunidades na educação, no mercado de trabalho e na produtividade. Porto Alegre. ISSN 1984-55. Maio de 2015.

BRASIL, Lei nº 10.741. Estatuto do Idoso. Brasília: DF, outubro de 2003.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. Lei nº 8.842. **Política Nacional do Idoso**. Brasília: DF, 4 de janeiro de 1994.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CARVALHO, J.A.M.; GARCIA, R.A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(3):725-733, mai-jun, 2003.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. Editora Autêntica, p. 9-25, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FENALTI, R.C.S; SCHWARTZ, G.M. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de resignificação do lazer. **Rev. paul. Educ. Fís**, São Paulo, 17(2): 131-41, jul./dez. 2003.

GAMBURGO, L.J.L.; MONTEIRO, M.I.B. Envelhecimento e linguagem: algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice. **Revista Kairós**, São Paulo, 10(1), jun. 2007, pp. 35-49

GOFFMAN, E. Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro; LTC Editora, 1988.

HATTON-YEO, A. **A intergenerational programs**: public policy and research implications. The UNESCO Institute for education. The Beth Johnson Foundation, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), **Síntese de indicadores sociais**, 2015

IVO, P.A.P. O Grande Desafio: Envelhecimento Activo. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Portugal, nov/2008.

MARCUSCHI, L. A. Apresentação. In: PRETI, D. A linguagem dos idosos. São Paulo: Contexto, 1991, p. 9 – 13.

MASSI, G.A.A.; LOURENÇO, R.C.C.; LIMA RR; XAVIER, C.R.P. Práticas intergeracionais e languageiras no processo de envelhecimento ativo. In: Ana Paula

Berberian; Ana Paula de Oliveira Santana. (Org.). Fonoaudiologia em contextos grupais. 1ed.São Paulo: Plexus, 2012, v. 1, p. 33-59.

MELO, Z.M. Estigmas: espaço para exclusão social. Pernambuco, ano 4, número especial dezembro de 2000.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. São Paulo, V.1, Nº 3, 2º sem/1996.

NOVAES PINTO,R. C.; OLIVEIRA, M. V. B. Uncovering hidden meanings in legal discourse on the elderly: A semioethical perspective. *Semiotica* (Berlin), v. 2016, p. 301-321, 2016.

OLIVEIRA, A.F.M. O aspecto social em Bakhtin e Vigotski. **Web-Revista Sociodialeto**: Bach., Linc., Mestrado – Letras – UESM/Campo Grande, v.2, nº 1, Jul. 2012

OLIVEIRA, R.C; OLIVEIRA, F.S. Um olhar sobre a terceira idade: a universidade aberta para a terceira idade, [s.d.]

OLIVEIRA, M. V. B., NOVAES PINTO, R. C. On the Relation between Memory and Language from a Cultural-Historical Perspective in Neurolinguistics. **Southern Semiotic Review**. Access on: <http://www.southernsemioticreview.net>, 2015.

RADAELLI, M. E. "Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. " Faculdade Assis Gurgac. Disponível em: <http://www.fag.edu.br/admfag/php/arquivo/1322760690.pdf>. Acesso em 29.08 (2014).

SCHNEIDER, R.H; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*. Campinas 25(4) 585-593, outubro - dezembro 2008.

APÊNDICE 1 –TCLE**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A senhora está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “Envelhecimento e Linguagem: um estudo de caso”. Nesta pesquisa pretendemos compreender como se dá o percurso singular de uma estudante idosa no contexto do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O motivo que nos leva a estudar é a necessidade de melhor compreender os lugares ocupados pelos idosos que estão inseridos na universidade e de que forma esta tem possibilidade de acolhê-los. Para esta pesquisa realizaremos entrevistas abertas e prolongadas, seis (6) encontros com média de duração de 1 hora cada, registradas de maneira audiovisual, mediante a sua autorização. Os temas abordados durante as entrevistas farão referência ao seu percurso no curso de Fonoaudiologia da UFBA; ao papel que a Universidade representa na sua história de vida; e aos encontros entre as gerações proporcionados pelo ambiente acadêmico. Ainda que os pesquisadores não tenham como objetivo revelar a identidade do (a) Sr. (a) nesta pesquisa, por não existir outro idoso matriculado no curso de Fonoaudiologia da UFBA, não há como preservar completamente o princípio do anonimato. Para minimizarmos este risco, não a identificaremos no trabalho, utilizando um outro nome na sua identificação. Além disso, visto que serão retratadas questões referentes à sua história de vida, existem riscos de cunho emocional, principalmente ao lidar com estigmas do envelhecimento. Caso a participante não se sinta “à vontade” com qualquer questão, não é necessário responder e não insistiremos na temática que provoca desconforto. A fim de reduzir possíveis danos, os pesquisadores se comprometem a atuar na ressignificação dos estigmas com a senhora, bem como realizar os encaminhamentos que porventura sejam necessários. Lembramos que a qualquer momento a participante poderá solicitar o término da entrevista ou reagendar o encontro. Antes de começarmos a entrevista o esclareceremos sobre os assuntos que serão abordados. Caso em algum momento a senhora não concorde com alguma

pergunta ou trecho de sua fala, estes serão prontamente descartados. Para participar deste estudo o (a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, a senhora tem assegurado o direito a indenização. A senhora terá total acesso ao estudo, no momento em que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Para que fossem realizadas as entrevistas, o projeto foi avaliado, jugado e liberado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Ciências da Saúde – UFBA. O CEP visa assegurar o direito e bem-estar dos participantes, bem como velar pelos aspectos éticos das pesquisas.

Caso a senhora tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores ou com o CEP a qualquer tempo.

Pesquisador Principal – Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira

Rua das Margaridas, nº 239, Apto 602, Pituba, Edf. Jardim das Samambaias, Salvador – BA,
CEP: 41810-100

(71) 34529488 / (71) 993056790

Pesquisador Colaborador – Liss Cláudia de Souza Santos

Avenida Manoel Dias da Silva, nº 1941, Apto 803, Pituba, Edf. Haroldo Lima, Salvador – BA.
CEP: 41830-000

(71) 99374-6722 / (74) 98135-9981

Comitê de Ética em Pesquisa - Instituto de Ciências da Saúde – UFBA

Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela, Salvador – BA. CEP: 40110-902

(71)3283-8951

E-mail: cep.ics@outlook.com

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Caso deseje ter acesso aos resultados, deverá entrar em contato com o pesquisador principal (contato acima), pois o mesmo disponibilizará todos os dados obtidos através da pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A senhora não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas cópias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a senhora. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“Envelhecimento e Linguagem: um estudo de caso”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, _____ de _____ de 20 .

Nome completo (participante)

Data

Nome completo (pesquisador responsável)

Data

Nome completo (testemunha)

Data

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

Nome completo (participante)

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Contar um pouco da história de vida.
 - Questões a serem abordadas (De onde veio, sobre a infância, onde estudou, percurso de trabalho, família).

2. Por quais motivos decidiu voltar/entrar na universidade? Por que o curso de Fonoaudiologia?
 - (Qual o papel da universidade na vida/ Relação com o tempo livre/ quais são objetivos de fazer o curso/ Como foi o ingresso, como os outros viram essa decisão, família etc)

3. Gostaríamos que contasse como está sendo sua vida dentro da universidade.
 - (Obstáculos, relação com o corpo docente/discente/funcionários, disciplinas dentro e fora daquilo é ofertado pelo DEP FONO, sentimento em relação curso de Fono, Questões de acessibilidade, Avaliações, trabalhos em grupo)

4. Como avalia o convívio com pessoas de outra geração dentro da universidade?
 - (Ajustes de linguagem, diferenças culturais, relação com tecnologia, relação entre passado/presente, estabelecimento de laço para além do contexto da UFBA)

5. Pensando especificamente na sua faixa etária (nos idosos, em geral), recomendaria o ingresso nos cursos regulares da universidade?
 - (Como a universidade poderia melhorar? E o curso de Fonoaudiologia?)